

OS QUATRO PILARES DA EDUCAÇÃO: O APRENDER A SER NO DESENVOLVIMENTO INTEGRAL DO SER HUMANO

BORBA, Karina Silva da Silva
SILVA, Caroline Vaz da

RESUMO

As inúmeras e constantes mudanças no mundo e na sociedade, ainda no século XX, evidenciaram que o próximo século traria a necessidade de um novo aprendente. Um sujeito preparado para uma vivência global e uma sociedade sem fronteiras de comunicação, apesar das diferenças culturais. Diante desse desafio a Unesco patrocinou a Conferência Nacional sobre Educação realizada na Tailândia, em 1990. Jacques Delors foi o responsável por coordenar a equipe que preparou o relatório sobre o evento. Os quatro pilares da educação são parte desse relatório e constituem conceitos base para a educação que prepara o ser humano para o século XXI. Os pilares são aprender a aprender, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser. Esta pesquisa busca compreender os conceitos contidos nos pilares e como essa apropriação contribui para a formação integral do ser humano. Considerando o viés da psicopedagogia, buscou-se livros e publicações em revistas e periódicos na área da educação para nortear este trabalho. A metodologia utilizada, através da revisão bibliográfica, explica como o aprender a aprender, o aprender a fazer e o aprender a conviver revelam um sujeito capaz de aprender a ser. Essa formação integral reflete na sociedade, através de um sujeito capaz de comunicar, realizar, cooperar e protagonizar a própria história.

Palavras-chaves: Quatro pilares da educação. Aprender. Aprendente. Aprendizagem.

1. INTRODUÇÃO

O mundo está em constante mudança e faz-se urgente a preparação do ser humano, enquanto aprendente, para viver e comunicar-se com essa nova realidade globalizada. Assim, essa pesquisa parte do livro *Educação: um tesouro a descobrir*, fruto do relatório de Jacques Delors sobre a Conferência Nacional sobre Educação em Jomtien/Tailândia, para a UNESCO. O olhar principal é lançado para o capítulo quatro do livro: Os quatro pilares da educação. Os quatro pilares são *aprender a conhecer*, *aprender a fazer*, *aprender a conviver* e *aprender a ser* e, os três primeiros, ao serem internalizados pelo aprendente, consolidam o quarto pilar.

Ao mesmo tempo em que o mundo está constantemente mudando, cada ser humano também muda. Essa mudança se dá, sobretudo, pela extraordinária

capacidade do ser humano em aprender. Esse aprender conduz o aprendente por caminhos mais assertivos e felizes e ajuda na construção de uma sociedade mais justa. Essa aprendizagem não se dá, simplesmente pelo repasse de informações, ela é resultado do entendimento de conceitos e da capacidade de colocá-los em execução nas diversas situações, ao longo de toda a vida. É uma aprendizagem mais profunda e, uma vez adquirida, é capaz de transformar o aprendente, as situações que se-lhe-apresentam e o meio que o cerca.

A delimitação do tema foi por abordá-lo sob a ótica da psicopedagogia, convergindo para a linha de pesquisa sobre o desenvolvimento humano e os aspectos metodológicos para compreensão das fases geracionais e o desenvolvimento das relações afetivas, e sociais, na criança, no adulto e na velhice. A pesquisa busca entender como o aprender a ser contribui para o desenvolvimento do ser humano, enquanto aprendente e pessoa.

O primeiro capítulo desta pesquisa traz a introdução do trabalho e apresenta o tema, suas divisões e a forma como foi desenvolvida, também a metodologia, o referencial teórico e a conclusão a que se chegou com este estudo.

Considerando-se que o aprender a ser reflete em si o desenvolvimento dos outros três pilares, tem-se, pormenorizada, a análise destes. Dessa forma, este trabalho principia seu segundo capítulo considerando a necessidade de uma nova aprendizagem no século XXI. Na sequência, o subcapítulo que traz o primeiro recorte do tema e trata do aprender a conhecer e a aquisição dos instrumentos de aprendizagem. O segundo subcapítulo traz a importância de unir teoria e prática no aprender a fazer. O terceiro subcapítulo mostra o valor das relações afetivas e sociais no aprender a conviver. Os três pilares, juntos, evidenciarão o aprender a ser e a sua contribuição no desenvolvimento humano, que é o foco dessa pesquisa, tratado no quarto subcapítulo. O quinto subcapítulo desta pesquisa trata da metodologia adotada para o desenvolvimento.

Para elucidar esta questão, optou-se pela revisão do tipo narrativa, através de pesquisa bibliográfica qualitativa. Partindo do relatório de Jacques Delors, a literatura pesquisada trouxe pontos de intersecção entre os pilares da educação nos ambientes de aprendizagem e a importância da educação no desenvolvimento integral do ser humano. Autores como Celso Antunes e Rômulo Silva enriquecem a pesquisa ao minuciar os pilares da educação nos ambientes de aprendizagem. Já,

Genoveva Claro e Andreza Lopes norteiam o processo de aquisição desta aprendizagem, através do olhar psicopedagógico.

Por fim, as considerações finais constituem o último capítulo dessa pesquisa, apresentando a relação entre os quatro pilares da educação e a formação integral do ser humano, o crescimento do sujeito enquanto aprendente e o reflexo desse desenvolvimento na sociedade.

2. APRENDER A SER: O MAPA PARA O TESOURO.

No final século XX, quando se olhava para o futuro, para a chegada de um novo século e um novo milênio, havia muitas incertezas. Os avanços tecnológicos e o anúncio de um mundo sem fronteiras para a comunicação, trouxeram também a preocupação com o impacto dessas mudanças nas pessoas. Conforme Mello, Almeida Neto e Petrillo (2020, p. 65), “a educação deve permitir que todos possam coletar, selecionar, ordenar, gerenciar e utilizar esse volume de informações e servir-se dele”.

Não havendo mais limites para a aquisição de informações, a posse de um computador e conexão à internet bastariam para a comunicação e a aprendizagem. Contudo, que tipo de mudanças seriam necessárias para formar o cidadão dessa nova realidade? Um ser cognoscente, preparado para comunicar-se com o mundo inteiro, em tempo real. Capaz de transitar com agilidade, desenvoltura e bom senso por todos os ambientes, físicos e virtuais.

Assim, conforme Antunes (2013), em 1990, a Unesco patrocinou, em Jomtien/Tailândia, a realização de uma grande Conferência Nacional sobre Educação, com o objetivo de discutir a formação desse novo aprendente, seu desenvolvimento pleno, sua capacidade de caminhar por um mundo globalizado e pensar de forma autônoma e crítica sobre as inúmeras informações recebidas constantemente. Antunes continua dizendo que:

Foram definidos conceitos de fundamentos da educação e, no relatório editado em 1999 e transformado no livro *Educação: um tesouro a descobrir*, Jacques Delors, que coordenou a reunião, apresentou a proposta de uma educação direcionada para **quatro tipos fundamentais de aprendizagem** e que ficaram conhecidos como “Os quatro pilares da Educação” (ANTUNES, 2013, p.15, grifos do original).

Os quatro pilares são conceitos para uma educação plena, desenvolvida ao longo de toda a vida. Não são um fim em si mesmos, mas caminhos para que o aprendente seja instrumentalizado em seu ambiente de aprendizagem. Conforme Delors (1998, p. 90) os quatro pilares da educação são: “aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver com os outros e aprender a ser”. Estão intimamente ligados e todos são necessários na construção desse aprendente integral, no entanto, os três primeiros refletem na solidez do quarto pilar.

Os quatro pilares dão a sustentação necessária para a formação integral desse aprendente do século XXI. São como as quatro pernas de uma cadeira, conferindo segurança, equilíbrio e estabilidade, não apenas no aprender, mas também no exercício dos conhecimentos adquiridos (ANTUNES, 2013).

Os pilares compreendem conceitos que devem nortear a educação ao longo da vida e em todas as áreas, começando pela família, tendo ênfase na escola e chegando aos demais ambientes de aprendizagem. Assim, a aquisição destes conceitos contidos nos pilares, não está limitada a conhecimentos transmitidos de forma rotineira, repetitiva e mecânica, depende da compreensão da essência de cada um.

Cabe ressaltar que não se busca uma padronização na educação. Dada a vastidão cultural e as diferenças existentes entre os povos, não seria possível nem apropriado para a humanidade. Representaria perda de identidade e prejuízo cultural. O que se busca é uma mesma compreensão do que é a educação e como se chegar ao desenvolvimento integral do aprendente do século XXI, com o pensamento globalizado. A partir dessa compreensão, vezes por pensamento dedutivo, vezes indutivo, e até intuitivo, é que se constrói os saberes que embasam o aprender a ser.

A psicopedagogia, segundo Claro (2018, p. 67) “tem por objeto de estudo a aprendizagem e visa conhecer o ser aprendente e aquele que produz conhecimento”. Em suma, essa pesquisa pretende analisar o que são os quatro pilares da educação na sua essência, como se dá essa apropriação pelo aprendente, chegando a sua contribuição na formação integral do ser humano.

2.1. Aprender a conhecer: entender como se aprende.

No momento histórico e social em que se encontra o mundo, o termo aprender é muito mais amplo que ouvir conhecimentos repassados ou decorar conteúdos isolados das disciplinas escolares. O processo da aprendizagem é particular e difere entre um aprendente e outro. Cada ser humano tem um modo de aprender e a ação norteadora da psicopedagogia é fundamental neste processo.

A psicopedagogia tem por objeto de estudo a aprendizagem e visa conhecer o ser aprendente e aquele que produz conhecimento. Dessa maneira busca compreender o sujeito em sua totalidade, ou seja, neste despertar de século, a psicopedagogia procura “induzir” o outro a conhecer o que é conhecer (CLARO, 2018, p. 67, grifo do original).

Aprender é, antes de tudo, saber utilizar os instrumentos do conhecimento. É necessário entender como se aprende para aprender melhor. Este aprender a conhecer ou aprender a aprender “está relacionado à aquisição dos meios necessários à compreensão do mundo e ao resgate do prazer em aprender, é um processo que deve acompanhar o indivíduo por toda a vida [...]” (SAITO e DIAS, 2012, p. 136).

Percebe-se que, interiorizar o conceito de aprender a conhecer reflete no aprender a ser uma capacidade de absorver o conhecimento e não apenas isso, mas também de identificar os meios para tal.

Delors (1998, p. 92) afirma que: “Aprender para conhecer supõe, antes de tudo, aprender a aprender, exercitando a atenção, a memória e o pensamento”. A memória deve ir além da capacidade de relembrar momentos marcantes ou recentes. Segundo Lopes (2020, p. 127) “a capacidade de aprender algo e de armazenar na memória de longo prazo faz parte do desenvolvimento e traz mudanças relativamente estáveis e duradouras ao comportamento humano”. Tal armazenamento na memória permite a consulta das informações quando necessário. Esse resgate do conhecimento tanto pode ancorar como descartar uma nova informação, através da reflexão, com base no que já se sabe. A autora continua dizendo que “o conhecimento que é armazenado nessa memória afeta a maneira como percebemos o mundo e tem influência significativa em nossas tomadas de decisão” (LOPES, 2020, p. 133).

Faz-se necessário que aquele que aprende adquira a capacidade de compreensão daquilo que vê, lê ou ouve, conseguindo em sua mente, não apenas compreender, mas realizar a relação destes conhecimentos com outros,

anteriormente adquiridos, consolidando-os ou refutando-os à medida que conhece. Nas palavras de Delors (1998, p. 91) é:

O aumento dos saberes, que permite compreender melhor o ambiente sob os seus diversos aspectos, favorece o despertar da curiosidade intelectual, estimula o sentido crítico e permite compreender o real, mediante a aquisição de autonomia na capacidade de discernir.

Nessas condições, cada aprendente deve ser levado, em seu ambiente de aprendizagem, a fazer uso do pensamento dedutivo. Faz-se necessário que esse aluno seja inserido em um contexto de pesquisa e aprenda a analisar conceitos. É preciso que tais metodologias lhe sejam apresentadas como base para um saber sólido. O entendimento conceitual e a percepção de como se aprende é muito mais complexo que decorar informações. Cabe ao aprendente tornar-se um ser reflexivo. Uma vez compreendido, esse aprender a aprender revela-se um grande tesouro, capaz de transformar. Diaz (2011, *apud* Claro, 2018, p. 21) reitera dizendo que a aprendizagem é:

Um processo mediante o qual o indivíduo adquire informações, conhecimentos, habilidades, atitudes, valores, para construir de modo progressivo e interminável suas representações do interno (o que pertence a ele) e do externo (o que está “fora” dele) numa constante relação biopsicossocial com seu meio e fundamentalmente na infância, através da ajuda proporcionada pelos outros.

Dessa forma, pode se observar que a curiosidade, o encantamento por entender o mundo que o cerca e o prazer da descoberta devem acompanhar esse ser aprendente por toda a vida. Percebe-se aqui a ação dos pensamentos indutivo e intuitivo. E tudo começa nas primeiras relações da criança com o meio social, tanto na convivência familiar como na escolar.

Contudo, esse aprender a aprender não está restrito a infância. Nas palavras de Delors (1998, p. 89): “Não basta, de fato, que cada um acumule no começo da vida uma determinada quantidade de conhecimentos de que possa abastecer-se indefinidamente”.

Por certo os avanços tecnológicos tornam o mundo cada vez menor, pela grande quantidade de informações às quais se tem rápido acesso. Mas, ao mesmo passo, esse mundo também está em constante mudança. Todos os dias se

acrescentam novas descobertas ao que já se sabe sobre algo. Daí, ser necessário que a aprendizagem ocorra por toda a vida.

Nota-se que não é só o mundo que está em constante mudança, o ser humano também, até porque um atua sobre o outro, levando à essas transformações. Continua Delors (1998, p. 89): “É, antes, necessário estar à altura de aproveitar e explorar, do começo ao fim da vida, todas as ocasiões de atualizar, aprofundar e enriquecer estes primeiros conhecimentos, e de se adaptar a um mundo em mudança”. Assim, muitas vezes, é justamente a maturidade que evidencia a capacidade de adquirir ou ampliar o conhecimento ou traz as experiências que lhe oportunizam.

.2. Aprender a fazer: fazer mais e melhor.

O aprender a fazer, com o novo século, deixou de ser apenas aprender um ofício e desempenhá-lo com sucesso. Não consiste mais em aprender e replicar processos mecânicos, tão pouco em obter uma formação técnica, fator determinante em muitos processos seletivos há algum tempo.

Aprender a fazer não pode, pois, continuar a ter o significado simples de preparar alguém para uma tarefa material bem determinada, para fazê-lo participar no fabrico de alguma coisa. Como consequência, as aprendizagens devem evoluir e não podem mais ser consideradas como simples transmissão de práticas mais ou menos rotineiras, embora estas continuem a ter um valor formativo que não é de desprezar. (DELORS, 1998, p. 93)

O aprender a fazer vai preparar o aprendente para colocar em prática os conhecimentos adquiridos. Não se trata, apenas, de saber seguir manuais ou imitar exemplos ofertados. É, também, compreender o caráter cognitivo das múltiplas atividades e ter o entendimento das próprias competências para alcançar um objetivo. Conforme Antunes (2013, p. 31) competência é a “capacidade de mobilizar recursos mentais para encontrar soluções de problemas de diferentes naturezas”. Assim, o aprender a fazer também prepara um sujeito reflexivo, capaz de buscar em seu repertório de conhecimentos os meios necessários para o fim que espera.

A competência também pode ser compreendida como “o entrelaçamento multifacetário de *conhecimentos, habilidades e atitudes* (decisões) para agir de modo adequado e apropriado em uma determinada situação-problema do mundo

vivido” (MELO; ALMEIDA NETO; PETRILLO, 2020, p. 46, grifos do original). Esse entrelaçamento de conhecimentos, habilidade e atitudes, nas suas múltiplas faces, vai se desdobrar desde a aplicação das diversas áreas do conhecimento na prática cotidiana até o desenvolvimento da atividade laboral, de fato.

É certo que a educação primária não tem como preparar um aluno para sua futura carreira profissional, tendo em vista que não se sabe qual será. Entretanto, nas palavras de Silva (2017, p. 262) “é importante que a educação aprimore as habilidades de seus alunos, ou os levando a descobrir que tem esses talentos”.

Assim, a escola e os demais ambientes de aprendizagem, não buscam ensinar um fim, mas os meios para o desenvolvimento daquele que aprende. O caminho para o entendimento dos conceitos que levam o aluno ao aprender a fazer. Compreensão que desperta no aluno a sensação de ter encontrado um tesouro que jamais lhe será tirado, o próprio aprender.

Obviamente, não se busca por um aprendente capaz de fazer, absolutamente, tudo com perfeição. O aprender a fazer possibilita ao indivíduo buscar no seu repertório de conhecimentos a solução mais eficaz para uma situação. E, em caso de não haver um conhecimento prévio para tal, saber trabalhar cognitivamente, para obter as informações necessárias e chegar ao resultado esperado.

Os seres humanos são dotados de habilidades, talentos que os distinguem uns dos outros e se fazem complementares nas atividades cotidianas. O aprender a fazer não se destina à um modelo de trabalho ou trabalhador, seu objetivo é mais amplo, é a preparação de um indivíduo que atuará conjuntamente com outros, de maneira formal ou informal, no desenvolvimento de uma atividade ou projeto (DELORS, 1998).

A mesma habilidade que torna uma pessoa especial, também evidencia quão importantes são a cooperação e a reciprocidade na execução dos projetos, sejam escolares, profissionais ou sociais. Metodologias ativas, como a Instrução entre Pares, incentivam o trabalho em equipe e promovem interação, além de aumentarem a produtividade e proporcionarem aprendizagem recíproca (MELLO; ALMEIDA NETO e PETRILLO, 2020).

Entende-se que o aprender a fazer prepara um indivíduo que aproveita a oportunidade de aprender com outro que tem mais experiência ou domina um determinado campo de conhecimento. Isso para aprender a fazer melhor. Mas

também é um sujeito que vê uma relação de troca e não retém o conhecimento que possui apenas para si. É capaz de absorver e de compartilhar. Entende que o conhecimento não pesa ao ser adquirido, tão pouco se extingue ao ser compartilhado.

Fala, também, de um indivíduo com expertise na sua área de conhecimento e que sabe o quanto sabe. Contudo, um indivíduo com a humildade de reconhecer quando algo está fora de seu domínio de conhecimento. E, que se faz necessário que outro some seus saberes, para alcançar o sucesso esperado.

O processo de aprender a fazer inicia-se na infância, mas é no percurso da vida que se intensifica e se consolida. Muitos mestres, já de avançada idade, identificam-se como eternos aprendizes. Assim, entende-se também, que esse saber fazer é um aprendizado constante, ao passo que “a educação ocupa cada vez mais espaço na vida das pessoas à medida que aumenta o papel que desempenha na dinâmica das sociedades modernas” (DELORS, 1998, p. 103). Percebe-se então, uma educação que perdura por toda a vida, seja no âmbito acadêmico, seja no profissional.

Na sociedade hodierna, em sua estrutura plural e dinâmica é possível encontrar um ambiente de aprendizagem, seja sala de aula, empresa ou outro, onde um jovem ensina aprendentes de todas as faixas etárias, inclusive idosos. A sala de aula tradicional previa a relação contrária, onde o professor, mais velho, era detentor do saber e ensinava seus alunos mais jovens. Essa sociedade moderna prevê multiformes aprendizagens através de agentes distintos.

Para Delors (1998, p. 105) “a educação ao longo de toda a vida torna-se assim, para nós, o meio de chegar a um equilíbrio mais perfeito entre trabalho e aprendizagem bem como ao exercício de uma cidadania ativa”.

De fato, todo ser humano precisa sentir-se um cidadão, aceito como parte de um todo, para ser pleno. Precisa ser ouvido, atuante, participante, para sentir-se completo. Reconhecer e ter reconhecida a sua capacidade de contribuir para fazer melhor numa sociedade que busca, constantemente o equilíbrio. Piaget (1994, p. 65), ao analisar o desenvolvimento humano, afirma: “Na realidade, a tendência mais profunda de toda a atividade humana é a marcha para o equilíbrio. E a razão – que exprime as formas superiores deste equilíbrio – reúne nela a inteligência e a afetividade”.

Em suma, o aprender a fazer dá ao aprender a ser a visão de um indivíduo que sabe colocar em prática os saberes adquiridos, mas que reconhece que é possível fazer mais e melhor quando se trabalha em conjunto.

2.3. Aprender a conviver: construir relações.

O aprender a conviver parte de dois princípios básicos: conhecer a si mesmo e conhecer o outro. Conhecer-se enquanto pessoa que pensa, sente, decide, muda de ideia, sofre frustração, recomeça, é a base da construção da identidade.

Somente o sujeito com sua identidade definida consegue colocar-se no lugar do outro para entendê-lo. Libânio (2012, *apud* SILVA, 2017, p. 266) afirma que: “O caminho da autêntica formação para viver juntos passa por uma dupla descoberta: a do próprio valor e a do valor dos outros”. Não basta apenas saber o próprio valor, é necessário reconhecer o valor do outro. Este outro que também é dotado de virtudes que o distinguem e qualificam. Delors (2013, p. 98) concorda ao afirmar que:

Passando à descoberta do outro, necessariamente, pela descoberta de si mesmo, e por dar à criança e ao adolescente uma visão ajustada do mundo, a educação, seja ela dada pela família, pela comunidade ou pela escola, deve antes de mais ajudá-los a descobrir-se a si mesmos. Só então poderão, verdadeiramente, pôr-se no lugar dos outros e compreender as suas reações.

A sociedade de hoje é plural e as diferenças estão presentes em todos os âmbitos. Daí tamanha dificuldade em se colocar no lugar do outro. Claro (2018, p.19) afirma que, “no processo de construção do conhecimento, é preciso compreender que todo o sujeito é racional e manifesta seus desejos, ânsias e vontades, mas é na interação com o seu meio e seus pares que esse sujeito se entende como ser humano”. De fato, as pessoas são diferentes. São seus valores, ética, costumes e escolhas que falam de si e lhe conferem identidade. Segundo Mello, Almeida Neto e Petrillo (2020, p. 52) o aprender a conviver deve levar o aprendente a desenvolver “o conhecimento a respeito dos outros, de sua história, tradições e espiritualidade”.

Em tese, para colocar-se no lugar do outro é preciso estar disposto a ouvir, reconhecer o seu valor. Normalmente o ser humano tem facilidade para falar, não para ouvir. E ouvir a história do outro, seus desejos, motivações, decepções, pode

tanto dar sentido às atitudes contrárias como revelar coisas em comum. Percebe-se que, acima de tudo, todos os seres humanos buscam as mesmas coisas: respeito, compreensão, afeto, reconhecimento das virtudes. O ser humano, seja criança ou adulto, só executa uma função exterior ou mesmo interior quando motivado por uma necessidade, alguma mudança que gera um desequilíbrio e leva a um reajustamento de conduta. Como uma palavra de alguém que pode causar simpatia ou gerar um conflito (PIAGET, 1994).

Supõe-se que as pessoas têm o poder de escolha quanto a algumas de suas relações como o casamento ou as amizades, mas ainda nessas relações que se imagina ter controle, há divergências de pensamento. O bom senso diz que para viver bem em família e entre amigos é preciso ser tolerante, ter paciência e tentar compreender o outro. Assim, presume-se que as mesmas atitudes devem ser tomadas nas relações que não são escolhidas, mas agregadas pela vida.

Portanto, conflitos devem ser trabalhados de forma que os membros da equipe conheçam-se uns aos outros como interdependentes e fazendo com que se sobressaiam as semelhanças ao invés das diferenças. Assim, torna-se possível a busca por objetivos comuns e a tensão cede lugar à cooperação. (SAITO; DIAS, 2012, p. 138)

Certo adágio diz que o ser humano deve construir mais pontes e menos muros. Quando o aprendente, desde a tenra idade, ainda em família, começa a perceber que as diferenças existem, mas que as relações devem apoiar-se nas semelhanças e nos objetivos comuns, esse aprendente se desenvolve, enquanto pessoa, com maior facilidade de lidar com os conflitos.

Resolver um conflito não significa, necessariamente, que alguém vai mudar drasticamente de opinião, mas que se busca um equilíbrio, uma combinação de ideias, valores e contribuições. Libânio (2012; apud SILVA, 2017, p. 265) diz que: “Aprender a viver juntos implica a capacidade de entrar nesse jogo de diálogo no equilíbrio difícil da tolerância e de seu limite”.

Uma vez adquirida essa habilidade de buscar as semelhanças, os múltiplos talentos que podem tornar o que é bom ainda melhor, o aprendente consegue conviver com seus grupos de forma mais harmoniosa e produtiva. E, inúmeras vezes, as diferenças vão diminuindo diante dessas semelhanças que surgem. Antunes (2013, p. 39) diz que a amizade “é um conjunto de fenômenos psíquicos

que se manifestam sob a forma de emoções, e estas provocam sentimentos”. Uma relação distante, que foi agregada pela vida pode tornar-se uma amizade.

Tanto construir muros como pontes provocam sentimentos, a diferença é que os muros separam e isolam, enquanto as pontes aproximam encurtando as distâncias. O aprender a conviver vai estruturar um aprender a ser que não compromete a sua legitimidade ou ética, mas consegue respeitar o outro e conviver harmoniosamente, por entender o seu valor.

.4. Aprender a ser: protagonizar a própria história.

O aprender a ser tem a ver com o desenvolvimento integral e este ultrapassa o decorar informações ou agir de forma a adequar-se a um modelo imposto. Segundo Delors (1998, p. 81): “O desenvolvimento humano é um processo que visa ampliar as possibilidades oferecidas às pessoas”. Desenvolver é possibilitar o crescimento de algo que já existe, ainda que de forma singela. Percebe-se, então, que há um ponto de partida para a jornada do aprender a conhecer, a fazer, a conviver e a ser. Desenvolver-se é um processo e, durante todo o arco formativo, esse processo deve ofertar ao aluno elementos que o conduzam num crescimento contínuo, integral e equilibrado, em todos os sentidos de sua vida, trazendo confiança, estima e respeito para as suas relações (SILVA, 2017).

Em suma, há uma nobre e árdua missão a ser desempenhada pelos diversos ambientes de aprendizagem, formais e não formais: despertar o que está latente no aprendente, levando-o ao crescimento. Missão esta, também, para todos aqueles vocacionados para orientar o saber. Silva (2017, p. 273) afirma que o psicopedagogo deve dar “o suporte real da criatividade, da liberdade e da inteligência do aluno, ou seja, ele apenas desperta e orienta essas qualidades em seus alunos”.

Percebe-se que o aprendente deve ser protagonista em seu processo de formação integral. A educação, baseada nos quatro pilares vistos até aqui, apresenta ao aprendente ferramentas para que ele construa seu saber. “À educação cabe fornecer, de algum modo, os mapas de um mundo complexo e constantemente agitado e, ao mesmo tempo, a bússola que permita navegar através dele” (DELORS, 1998, p. 89).

O desenvolvimento pleno leva a um aprendiz que consegue olhar para si, reconhece suas habilidades e identifica suas deficiências. E, que não vê o precisar de ajuda como fraqueza, mas como uma oportunidade de crescimento diferenciada. Que mantém a autoestima, pois não busca ser perfeito, mas ser melhor a cada dia. Essa autoestima que é a “saborosa emoção da felicidade de ser” (ANTUNES, 2013, p. 72).

Aprender a ser, fala de um indivíduo que consegue transitar entre ambientes, com públicos distintos, que usa diversas linguagens, sem parecer tolo ou despreparado aos mais instruídos, nem inacessível ou arrogante aos mais simples. Alguém capaz de dialogar com pessoas mais jovens e mais velhas, transmitindo e absorvendo saberes sem, contudo, comprometer seu lugar no agora.

Mais do que nunca a educação parece ter, como papel essencial, conferir a todos os seres humanos a liberdade de pensamento, discernimento, sentimentos e imaginação de que necessitam para desenvolver os seus talentos e permanecerem, tanto quanto possível, donos do seu próprio destino (DELORS, 1998, p. 100).

Dessa forma, tem-se um indivíduo que consegue lidar com toda a diversidade da sociedade hodierna, sem perder sua identidade, mas também sem discriminar o que é diferente de si. Alguém que leva a paz consigo, não a dissensão. Um ser humano que mantém sua força de caráter e não compromete o que julga certo, mas também tem sensibilidade frente a situações que exigem soluções imediatas e diferenciadas. Resumidamente, “a educação manifesta aqui, mais do que nunca, o seu caráter insubstituível na formação da capacidade de julgar” (DELORS, 1998, p. 47).

METODOLOGIA

Através de pesquisa bibliográfica na área da educação, fez-se a escolha do tema pelos quatro pilares da educação do século XXI. A delimitação do tema foi por abordá-lo sob a ótica da psicopedagogia, daí o uso frequente da expressão aprendizagem. A pesquisa converge para a linha de pesquisa sobre o desenvolvimento humano e os aspectos metodológicos para compreensão das fases geracionais e o desenvolvimento das relações afetivas, e sociais, na criança, no adulto e na velhice.

Para elaborar este artigo, optou-se pela revisão do tipo narrativa, através de pesquisa bibliográfica qualitativa, a partir da análise de livros de autores clássicos e contemporâneos e artigos oriundos de repositórios e revistas científicas. Um vasto material foi encontrado sobre o assunto de interesse, porém sobre o viés político. Como não é do interesse desta pesquisa discutir se é ou não possível pensar numa educação globalizada, com base no capitalismo e nas diferenças entre os países, tal material não foi incluso neste trabalho. O estudo busca elucidar como o aprender a ser contribui na formação integral do ser humano. Assim, a busca voltou-se à análise pelo viés psicopedagógico, tendo os seguintes descritores: quatro pilares da educação, psicopedagogia e aprender.

O primeiro recorte traz o aprender a conhecer e a aquisição dos instrumentos de aprendizagem que conferem autonomia ao aprendente e aumentam sua capacidade de discernimento. O segundo recorte fala da importância de unir teoria e prática no aprender a fazer e estar preparado para, não apenas interagir com o meio, mas também atuar sobre ele e transformá-lo de modo construtivo. O terceiro e último recorte discute as relações humanas no aprender a conviver, os desafios em superar as diferenças e como a cooperação mútua edifica a sociedade. Os três pilares, juntos, evidenciam o aprender a ser e a sua contribuição no desenvolvimento humano, as mudanças possíveis ao longo da vida e as transformações na sociedade.

O referencial teórico percorre discussões sobre o desenvolvimento do ser humano, a aprendizagem, o trabalho e a vida em sociedade. A pesquisa qualitativa debruçou-se sobre a obra de Delors (1998), na perspectiva de que a educação deve ser global e com equidade, baseada na compreensão do processo de aprendizagem. Na mesma direção, Antunes (2013), Saito e Dias (2018) e Silva (2017) consideram os quatro pilares da educação nos diversos ambientes de aprendizagem. O processo de aquisição da aprendizagem e como sua apropriação reflete no desenvolvimento integral do ser humano é, ainda, esquadrihado por Claro (2018).

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando os quatro pilares da educação sob o viés psicopedagógico, é possível compreender essa educação como um tesouro ao alcance do aprendente,

esperando para ser descoberto. Desde a família, passando pela escola e chegando ao convívio social, cabe aos ambientes de aprendizagem munir o aprendente com os instrumentos para encontrá-lo. O tesouro não é entregue, mas sim o mapa.

A psicopedagogia vai olhar para o aprendente e sua aprendizagem, principalmente no ambiente escolar, mas não apenas nele. Vai contemplar também o ambiente familiar, que antecede a escola e, ainda, os diversos ambientes de aprendizagem que lhe sucedem. Vai observar o desenvolvimento desse aprendente, no seu convívio social, com diferentes faixas e grupos geracionais, já que a diversidade contribui com experiências de vida e saberes que enriquecem. E essa riqueza da descoberta de si, do outro e da aprendizagem advinda das relações humanas é aquecida e acrescida pela afetividade.

Cada pilar vai oferecer ao aprendente conceitos norteadores para que ele edifique seu desenvolvimento através de ferramentas de construção da aprendizagem, para toda a vida. O aprender a aprender vai direcionar a compreensão, a autonomia e o senso crítico. O aprender a fazer vai ensinar a unir teoria e prática e trabalhar em equipe, buscando resultados mais assertivos. O aprender a conviver vai formar um cidadão de paz, com identidade, mas que valoriza o outro. Os três pilares fortalecem o aprender a ser. Este fala da capacidade de caminhar pelas estradas da vida, encontrando muitas e diferentes pessoas, dando o melhor de si e descobrindo o melhor delas.

Fica evidente a contribuição do aprender a ser para o desenvolvimento humano. Quando se pensa no desenvolvimento pleno do ser humano, se espera um desenvolvimento que manifeste, antes de tudo, crescimento. Crescimento físico, saudável, do âmbito biológico, tanto quanto for possível. Mas, sobretudo, crescimento intelectual, na capacidade de amadurecer ao passo que a vida segue. Crescimento enquanto pessoa, não melhor que os demais, mas melhor que si mesmo ontem. Crescimento em todos os sentidos da vida, desenvolvimento integral.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Celso. **A prática dos quatro pilares da Educação na sala de aula.** fascículo 17. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. (Coleção na Sala de Aula)

CLARO, Genoveva Ribas. **Fundamentos de Psicopedagogia**. Curitiba: InterSaberes, 2018. (Série Panoramas da Psicopedagogia)

DELORS, Jacques (org.). **Educação: um tesouro a descobrir**. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI; Tradução: José Carlos Eufrázio. UNESCO: Publicação MEC, 1998. Disponível em: http://www.livrosgratis.com.br/download_livro_27263/educacao-_um_tesouro_a_descobrir_relatorio_para_a_unesco_da_comissao_internacional_sobre_educacao_para_o_seculo_xxi Acesso em 05/11/2021.

LOPES, Andreza Carla de Souza. **Neuropsicopedagogia**. Curitiba: InterSaberes, 2020. (Série Panoramas da Psicopedagogia)

MELLO, Cleyson de Moraes; ALMEIDA NETO, José Rogério Moura de; PETRILLO, Regina Pentagna. Educação 5.0 - educação para o futuro. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 2020. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br/Leitor/Publicacao/183513/pdf/0> Acesso em: 28/09/2021.

PIAGET, Jean. **Seis estudos de psicologia**; Tradução: Maria Alice Magalhães D'Amorim e Paulo Sérgio Lima Silva. 20. Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1994.

SAITO, Leila Miyuki; DIAS, Silas Barbosa. Os quatro pilares da educação nas organizações de aprendizagem. **Revista Terra & Cultura: Cadernos de Ensino e Pesquisa**, [S.l.], v. 28, n. 54, p. 133-141, jul. 2018. ISSN 2596-2809. Disponível em: <<http://periodicos.unifil.br/index.php/Revistatest/article/view/225>>. Acesso em: 16/11/2021.

SILVA, Rômulo Davi da. Os quatro pilares da educação como ideias guias para a psicopedagogia contemporânea. **Revista TC Brasil**, v. 1, n. 2, p. 252-278. ISSN 2527-0532. João Pessoa, 2017. Disponível em: <https://docplayer.com.br/59890123-Artigo-os-quatro-pilares-da-educacao-como-ideias-guias-para-a-psicopedagogia-contemporanea.html>. Acesso em: 16/11/2021.